

**ENTRE A ENTIDADE TERRENA E DEÍFICA
DE BEATRIZ: TRANSFIGURAÇÕES DA MUSA
DANTESCA EM *Vida Nova* E NA *Divina Comédia***

**Tra l'entità terrena e deifica di Beatrice:
trasfigurazioni della musa dantesca in *Vita Nuova* e *La
Divina Commedia***

**Between Beatriz's earthly and deific entity:
transfigurations of the Dantesque muse in *New Life*
and *The Divine Comedy***

ANNE CAROLINE DO NASCIMENTO RIBEIRO *

JUCIANE DOS SANTOS CAVALHEIRO **

RESUMO: Neste estudo, centrar-nos-emos na inspiração máxima de Dante Alighieri, Beatriz. Um dos grandes trunfos da musa – e de Dante, ao construí-la de forma tão elaborada – encontra-se na transmutação que a personagem recebe nas obras de Dante: no amor cortês e stilnovista de *Vida Nova*, na filosofia de *Convívio*, e nas alegorias e na teologia de *A Divina Comédia*, é possível, através dela, tecer uma representação não apenas da intelectualidade do homem medieval, mas também das diferentes representações da mulher na literatura do *trecento*. É na personagem que também encontramos o maior símbolo desta escola literária italiana, que nos permitirá divisar o auge da concepção da mulher como figura beatificada na Idade Média. Beatriz, como uma figura profética, traz consigo a gênese da literatura italiana. Por exprimir tal efeito de transformação em cada obra dantesca e por se constituir de sentidos que se suplementam e, ao mesmo tempo, que denotam a mudança gradual da personagem, iniciaremos tratando da gênese de Beatriz em *Vida Nova* até sua transfiguração *post mortem* na *Comédia*.

PALAVRAS-CHAVE: Beatriz; Dante Alighieri; *A Divina Comédia*; *Vida Nova*.

*Universidade de São Paulo (USP)

annecaroline.ribeiro@outlook.com – (ORCID: 0000-0001-9677-7743)

**Universidade Federal do Acre (UFAC)

jucianecavalheiro@gmail.com – (ORCID: 0000-0002-5845-8079)



ABSTRACT: In questo studio, ci concentreremo sulla massima ispirazione di Dante Alighieri, Beatrice. Una delle più grandi prerogative della musa – e di Dante, nel costruirla in modo così elaborato – si trova nella trasmutazione del personaggio nelle opere dantesche: nell’amore cortese e stilnovista di *Vita Nuova*, nella filosofia di *Convivio*, nelle allegorie e nella teologia della *Commedia* è possibile, tramite questa protagonista, tessere una rappresentazione non solo dell’intellettualità dell’uomo medievale, ma anche delle diverse rappresentazioni della donna nella letteratura del trecento. È in questo personaggio femminile che troviamo anche il più grande simbolo di questa scuola letteraria italiana, che ci permetterà di scorgere il vertice della concezione della donna come figura beata nel Medioevo. Beatrice, come figura profetica, porta con sé la genesi della letteratura italiana. Esprime un tale effetto trasformatore in ogni opera dantesca e costituisce significati che si completano a vicenda, allo stesso tempo che denotano il graduale mutamento del personaggio, perciò inizieremo ad affrontare la genesi di Beatrice nella *Vita Nuova* fino alla sua trasfigurazione *post mortem* nella *Commedia*.

PAROLE CHIAVE: Beatrice; Dante Alighieri; *La Divina Commedia*; *Vita Nuova*.

ABSTRACT: In this study, we will focus on the maximum inspiration of Dante Alighieri, Beatrice. One of the muse’s greatest assets - and Dante’s, in building it in such an elaborate way - is found in the transmutation the character receives in Dante’s works: in the courteous and stilnovist love of *New life*, in the philosophy of *Convivio*, and in the allegories and theology of *The Divine Comedy*, it is possible, through it, to weave a representation not only of the intellectuality of the medieval man, but also of the different representations of the woman in the literature of the fourteenth century. In the character is where we can also find the greatest symbol of this Italian literary school, which will allow us to glimpse the apex of the conception of women as a beatified figure in the Middle Ages. Beatrice, as a prophetic figure, brings with herself the genesis of Italian literature. By expressing such a transformation effect in each dantesque work and by constituting meanings that supplement each other and, at the same time, that denote the gradual change of the character, we will begin by addressing the genesis of Beatrice in *Vita nuova* until her *post mortem* transfiguration in the *Comedy*.

KEYWORDS: Beatrice; Dante Alighieri; *The Divine Comedy*; *Vita nuova*.

1. Introdução

A lírica de Dante Alighieri (1265-1321) trouxe consigo um novo conceito sobre a mulher, seja real ou idealizada. Ademais, como bem pontua Macedo ao tratar sobre a personagem com maior destaque na obra do poeta, “o amor de Dante por Beatriz é importante não só para fundamentar um novo estilo, mas um momento no interior da poesia em que a mulher constitui elemento geral do verso” (2011, p. 75), pois é a partir de Beatriz, sua musa, que encontramos uma narrativa com uma dedicação tangível ao gênero feminino, o que reverberará consistentemente na *Divina Comédia*.

Discorrer, portanto, sobre a *donna gentile* de Dante significa realizar uma peregrinação entre as mais diversas interpretações de uma criação tão rica e misteriosa que, ainda na contemporaneidade, suscita estudos produtivos no âmbito da literatura italiana e mundial. O seu prestígio e o magnetismo que atraem os leitores e estudiosos a ensejar compreender cada vez mais sua essência, não se encontra apenas no mérito de ser a personagem feminina mais relevante da *Divina Comédia* dantesca, mas por representar, por si só, alegorias e representações simbólicas que se renovam a cada obra de Dante ou a cada diálogo com o poeta no *Purgatório* e *Paraíso*. Sua relevância é tanta que há quem afirme, como o poeta Charles Williams (2000 [1943]), que a maior criação de Dante não teria sido a *Divina Comédia*, mas na verdade a sua *donna angelo*: Beatriz.

A simbologia da musa assume uma conjectura que não se reteve apenas a inspirar autores medievais, mas também se estendeu a diversos ramos dos estudos humanistas posteriormente, e, mesmo após o Renascimento, estabeleceu influência em artistas, como, por exemplo, na Irmandade Pré-rafaelita, já na Era Vitoriana. Objetivamos, assim, acompanhar a configuração da musa inspiradora de Dante, partindo de sua gênese em *Vida Nova* até sua transfiguração pós-morte na *Divina Comédia*, observando-a através do prisma de estudos que a relacionam tanto com o amor jovem de Dante, como com o espectro do *speculum dei*, após a morte da musa.

2. *Apparuit iam beatitudo vestra: Beatriz em Vida Nova*

O advento da musa dantesca dá-se na obra *Vida Nova*, – escrita entre os anos de 1283 e 1293 – um breve *libello* da juventude de nosso poeta estruturado em prosímetro: uma construção textual que oscila entre poesias seguidas por prosas explicativas, sucessivamente alternando-se. Neste prosímetro, Dante conta sua história de amor com Beatriz, desde o primeiro momento em que a vê, até o momento da morte de sua musa, passando pelo processo de luto e a promessa de se dizer dela o que nunca se disse de nenhuma outra¹, um famoso prelúdio da *Divina Comédia*. Segundo Gillet (1941, p. 29 apud TORRES, p. 283), o livro apresentaria dois sentidos primordiais: o primeiro referente à obra como um livro de lembranças, e o segundo como a grande metáfora de um segundo nascimento, um mistério ou regeneração. Em nossa perspectiva, ambos os sentidos podem condensar sem se invalidar simultaneamente, mas priorizando, claramente,

1 *VN*, XLII.

a essência metafórica da obra como o signo de algo maior, como proposto pelo movimento stilnovista. Assim, também, abrem-se interpretações e leituras sobre a personagem de Beatriz e suas possibilidades tanto como mulher real, quanto como transfiguração simbólica. Para Barber (1981, p. 1), o núcleo central da obra *Vida Nova* gira em torno de três personagens – Dante, Beatriz e o Amor – sendo a mais importante dentre eles, Beatriz.

Sobre a historicidade da grande musa do romance, por séculos discutiu-se sua concentricidade como mulher real. De acordo com Fogliaro (2012), por *Vida Nova* apresentar-se como um romance autobiográfico, nenhum leitor poderia duvidar da veracidade da existência de Beatriz como dona real, entretanto “È leggendo tutto il corpus delle opere dantesche che però ci si rende conto che Beatrice non è solo una donna in carne e ossa, è molto di più”² (2012, p. 10). A existência de Beatriz, que já na obra *Vida Nova* é posta em lugar de dubiedade por permear entre descrições oníricas e realistas, propicia ainda mais especulações e interpretações ao longo das demais obras dantescas.

De fato, no que se refere a essa historicidade, há um longo percurso de confabulações e debates, sendo que a tradição tende a afirmá-la como uma senhora real de Florença. O primeiro a pôr em questionamento a existência da musa após à morte de Dante, antes mesmo de Boccaccio, teria sido Graziolo de’ Bambaglioli³. Suas considerações levaram a suspeita de que a personagem realmente existiu como uma mulher de “carne e osso”, embora, seja por falta de documentação ou inconsistência de provas, o autor não tenha chegado à uma consideração definitiva sobre isso. Essa mulher seria reconhecida posteriormente pelo nome de seu pai, como nota-se no códice Barberiniano (1386), onde se lê “figliuola che fue di Folco Portinari” (apud FOGLIARO, 2012, p. 13), identificada também como esposa de Simone, da família Bardi. Entretanto, talvez não sejam informações necessariamente consistentes, uma vez que em grande parte das obras do autor que tratam de Beatriz há a omissão dos nomes de seus parentes. Após Bambaglioli, muitos outros estudiosos debruçam-se sobre a historicidade da personagem:

Secondo Guido da Pisa, per esempio, Beatrice può essere intesa come la beatitudine, come la grazia cooperante o la vita spirituale. Il commentatore però non rinnega il valore storico dei personaggi della *Commedia*, riconoscendo in Beatrice una donna reale. Jacopo della Lana, invece, pur insistendo sull’identificazione di Beatrice con la teologia, basandosi su quanto Dante stesso dice, scrive: «Dieci anni erano passati che Beatrice era morta», ma anche: “sicome Beatrice al mondo li parve più bella dell’altre”⁴ (FOGLIARO, 2012, p. 14).

2 “É lendo todo o corpus da obra dantesca que se percebe, porém, que Beatriz não é só uma mulher de carne e osso, mas muito mais que isso” (tradução nossa).

3 Escritor italiano de Nápoles, lembrado por seu comentário latino sobre *o Inferno*, de Dante.

4 Segundo Guido de Pisa, por exemplo, Beatriz pode ser entendida como a beatitude, como a graça auxiliadora ou a vida espiritual. O comentador, porém, não nega o valor histórico das personagens da *Divina Comédia*, reconhecendo em Beatriz uma mulher real. Jacopo della Lana, ao contrário, enquanto insiste sobre a identificação de Beatriz com a teologia, baseando-se no quanto o próprio Dante diz, escreve: “Como no mundo Beatriz lhe parece mais bela que as outras” (tradução nossa).

De acordo com a autora, dos pensadores citados, Jacopo é um dos que não atribuiu a Beatriz uma personalidade física e defende que a musa seja um artifício retórico e ornamental de Dante. Boccaccio, a quem muito se recorre como o primeiro estudioso de Dante, fornece em seu *Trattatello in laude di Dante* (1351-1355) detalhes exageradamente romantizados sobre a história do primeiro amor de Dante. De qualquer forma, a discussão nunca chegou a extinguir-se de fato, e ainda hoje o debate subsiste, contando inclusive com aqueles que acreditam que Beatriz possa ser ao mesmo tempo uma figura real e uma mulher a quem Dante atribuiu características que a transformaram na musa ideal de sua poesia.

O valor simbólico da personagem não se perde pela falta de informação sobre sua existência física. Pelo contrário, a ausência de uma certeza suscita ainda mais curiosidade quando se pretende analisar o compêndio dantesco, em busca de uma compreensão sobre a personagem ou através dela. Para Aurbech, por exemplo, como recorda Marnoto (2001, p. 82), é até mesmo indiferente saber se Beatriz viveu mesmo em Florença ou se era esposa de Simoni de Bardi, e a focalização nessa questão consistiria em uma problemática de proporção antipoética. Uma análise literária sobre a personagem ultrapassa questões históricas, por mais que o assunto sobre a existência da musa ainda persista como uma das incógnitas favoritas entre os pesquisadores de Dante.

Quando analisamos Beatriz sobre o prisma do *dolce stil novo*, encontramos em *Vida Nova* até mais que uma representação de uma extensão do Amor Cortês, pois “a amada do poeta florentino emerge como mediadora entre o particular e o universal. Beatriz se transmudou e se transfigurou. Por seu intermédio, Dante foi capaz de encontrar, em acontecimentos terrenos, a manifestação da transcendência” (FRÓES, 2015, p. 6). O amor dantesco, desprendido de lubricidade terrena, é a pura compreensão da busca pelo conhecimento, e sendo assim, pela salvação, possível através da devoção dedicada à Beatriz. Além disso, o romance viria a demarcar o início do processo de amadurecimento do poeta, que, segundo Silva (2009) manifesta-se em três fases⁵, acompanhado em todas elas por sua estimada musa, ou mesmo sua memória, partindo da realidade telúrica ao amor que instiga o processo salvífico e que dará início à *Divina Comédia*. Embora nem todas as obras de Dante configurem-se como stilnovistas, a personagem de Beatriz em cada uma delas não apresenta confrontos internos, não entra em confronto consigo, mas, assim como o poeta, em suas próprias transfigurações também amadurece e completa-se em seu significado. Para Marnoto (2001, p. 60), na *Divina Comédia* a personagem encontra seu lugar de fastígio, de maturação junto às experiências do autor, mas é em *Vida Nova* que ela nasce, onde inicia-se e focaliza-se a luz sobre a sua pluralidade.

O primeiro contato do poeta com a musa teria sido aos nove anos, como o próprio narra na

5 “A obra de Dante surge normalmente dividida em três períodos, tendo em conta a própria evolução intelectual e artística do seu autor. A um primeiro período de culto da poesia e do ideal cavaleiresco interrompido pela morte de Beatriz, segue-se um momento de entusiasmo pelo saber como meio privilegiado para o aperfeiçoamento ético da pessoa humana, vindo a culminar num período em que Dante é invadido pelo desejo de uma reforma político – religiosa da sociedade. Ao primeiro período corresponde a *Vita Nuova* e *Le Rime*; ao segundo período a *De Vulgari Eloquentia* e *Il Convívio*; e ao terceiro a *Monarchia* e *La Divina Commedia*” (SILVA, 2009, p. 44).

segunda seção de *Vida Nova*. Do efeito que a visão de Beatriz causa sobre Dante provém ricos detalhes psicológicos, marcados já por uma concepção mais profunda e humanista do amor e consiste em uma descrição sintetizante do avanço sobre as questões sensoriais causadas pelo sentimento amoroso em todos os três níveis espirituais: *spirito della vita*, *spirito animale* e *spirito naturale*. O amor apossa-se, assim, da alma do poeta:

D'allora innanzi dico che Amore segnoreggiò la mia anima, la quale fu sì tosto a lui disponsata, e cominciò a prendere sopra me tanta sircustade e tanta signoria per la virtù che li dava la mia imaginazione, che me convenia fare tutti li suoi piacere compiutamente⁶ (*VN*, II, p. 1).

Além do frêmito causado pela primeira visão e contato com a musa, no terceiro capítulo Dante narra seu reencontro com Beatriz, nove anos depois de conhecê-la: neste momento, ocorre o episódio da saudação, ponte de iniciação para mover o sentimento que incita no homem o amor divino. É através da humil saudação de Beatriz que Dante usufrui de uma visão onde se escuta do próprio amor: *Ego dominus tuus*. O amor assume então papel de ditador, e logo é o mesmo que ordena Dante que escreva em glória da sua musa (*VN*, XII). E não só o amor se faz o dono da alma do poeta, como a própria Beatriz já é designada como tal desde o princípio “«donna» da mente do poeta (1.2 [III 1]) – o que se reitera, pouco depois, como «donna della salute» (*VN* 1.15 [III 4]), proprietária e doadora da salvação de Dante” (STERZI, 2006, P. 343).

Sobre os famosos estudos das analogias a figuras da fé cristã que a personagem apresentaria, muitos estudiosos, como Singleton e Vittore Branca, debruçaram-se e promoveram apontamentos consistentes e precisos. A sacralização atribuída a Beatriz por Dante é uma constante mesmo antes da morte da amada, podendo ser percebido desde o segundo capítulo de *Vida Nova*: primeiramente, no próprio nome de Beatriz – que invoca a ideia da Beatitude – e com a reivindicação do número nove, constantemente atribuído a musa. O número nove corresponderia ao número da perfeição, da harmonia natural, da trindade: “She is an analogue of the God who is Love as surely as she is nine”⁷ (HOWE, 1975, p. 367). Além disso, como recorda Sterzi (2006), pode emparelhar-se sonoramente e semanticamente com o adjetivo “novo” em sua forma plural no feminino: *nove*. O nove de Beatriz não representaria apenas a personagem como o número da perfeição divina, mas como a divina criação e perfeita representação da concepção de Dante da essência do estilo novo. Esse é um dos primeiros indícios para Howe de que Beatriz iria além das musas da tradição lírica da qual Dante fazia parte, pois embora o testemunho de Dante revele que a visão de Beatriz possui sobre ele um efeito expansivo e enobrecedor, nós ainda não a reconhecemos, nos primeiros momentos de *Vida Nova*, como análogica a Deus. O autor afirma que é logo no momento em que ela não é relacionada ao nove que

6 “Desde então, o Amor assenhoreou-se, de facto, da minha alma, que logo a ele se uniu; e passou a ter sobre mim tanto ascendente, a exercer tal domínio, pela força que lhe dava a minha imaginação, que era eu obrigado a satisfazer quanto exigia” (Tradução Carlos Eduardo Soveral).

7 “Ela é uma analogia a deus, que é amor, tão certamente quanto ela é o nove” (tradução nossa).

a testemunhamos em todo seu poder simbólico, primeiramente no capítulo XXI, onde Dante apresenta um soneto que denota como Beatriz apresenta os poderes de uma divindade através do efeito por ela causado nos demais:

Poscia che trattai d'Amore ne la soprascritta rima, vennemi volontade di volere dire anche, in loda di questa gentilissima, parole, per le quali io mostrasse come per lei si sveglia questo Amore, e come non solamente si sveglia là ove dorme, là ove non è in potenza, ella, mirabilmente operando, lo fa venire⁸ (*VN*, XXI, p. 29).

E mais tarde no soneto XXIII, na descrição do sonho profético com a morte de Beatriz. Nessas seções, antes mesmo de ser apresentada como uma beata no *Paraíso*, Beatriz manifesta as particularidades que viriam a singularizá-la como uma analogia deífica. O soneto do capítulo XXIII, especificamente, consiste em riqueza de detalhes descritivos visuais de uma cena que falta a todo o restante do livro: temos uma visão quase apocalíptica, envolvendo anjos, pássaros caídos e terremotos. Tal cena também recorda a descrição da morte de Cristo, quando o véu entre o divino e o terreno se rompe e a remissão humana é lograda, uma equivalência que pode ser compreendida do ponto metafórico de que, assim como Cristo foi referenciado como a salvação do homem através de sua morte, também Beatriz se encontra como a detentora da salvação do poeta, e não apenas em *Vida Nova*, como veremos na transfiguração da personagem na *Comédia*.

Singleton (apud BARBER, 1982, p. 1) descreveu “a revelação progressiva da natureza milagrosa de Beatrice” como o primeiro nível em que a *Vida Nova* gera significado, sobre sua própria existência simbólica e sobre o próprio processo de evolução de Dante como homem e escritor. Barber, por sua vez, afirma que a personagem de Beatriz apresentaria uma simbologia tão análoga a Cristo que se distanciaria da dama provençal já que “na poesia da corte, a dama é distante e distintamente acima da poeta, características que são todas inadequadas para a figura de Cristo que agia humildemente, movido em um mundo de aparentemente iguais” (1981, p. 2). De certa forma, Beatriz encontrar-se-ia também acima de Dante, mas sendo a ele de valência espiritual, tendo em vista que através dela encontra-se a ponte de salvação do poeta, que desde o primeiro encontro reconhece nela sua salvadora.

E então, por fim, o poeta assiste sua musa abandonar o plano terreno, completar a sua consagração: Beatriz morre no ano de 1290. A data de morte da musa, que consistiria em um fator relevante sobre sua historicidade, também revela um grande valor profético mencionado por Fogliaro (1012, p. 64). Segundo a profecia de Daniel, se passarão 1290 dias até o momento em que o sacrifício diário será abolido e dará lugar à uma abominação devastadora: para Dante, a morte de Beatriz. A numerologia sagrada que cerca a obra dantesca, e também Beatriz, é uma constante tão proeminente que jamais poder-se-ia dizer coincidência, e chega a adquirir pro-

8 “Depois de ter tratado do Amor naqueles versos, senti desejo de escrever, também em louvor da minha gentilíssima amada, urnas palavras pelas quais mostrasse não somente como por ela se despina o Amor, no caso de estar adormecido, mas também como ela, atuando maravilhosamente, o faz acudir aonde nem sequer está em potência” (Tradução Carlos Eduardo Soveral)

porções surpreendentes ao relacioná-la constantemente com profecias referentes a sua posição de figura salvífica, como por exemplo em sua data de nascimento, 1266, recordada por Dante em *Inferno* (XXI). Em 1300, quando se pressupõe ocorrer a viagem ao submundo, 1266 anos haviam passado desde a descida de Cristo para a redenção universal. Para Dante, o ano coincide então com o nascimento daquela que seria a sua redenção pessoal, a musa que, a partir de sua morte, inicia o processo de transcendência para que na *Comédia* torne possível o início do que Chiavacci (2009) reconhecerá como o *trasumanare* de Dante, ou seja, o exceder da sua condição humana à uma condição superior e divina.

O seu período de luto, seguido pelo sofrimento do poeta pela morte da musa, leva Dante a um refúgio na filosofia dos antigos, como Cícero, Horácio e Aristóteles. A época coincide com a escrita de seu tratado filosófico *Convivio*, onde o poeta afirma ter-se entregado aos braços de uma nova dama: a filosofia. Beatriz também é citada brevemente em *Convívio*, mas por hora, nos convém dizer que esse processo de luto é conveniente ao expressar a incitação ao conhecimento em que Beatriz lançou o poeta após sua morte, o que, de um determinado ponto de vista, também corrobora em seu processo de amadurecimento intelectual e espiritual. O ponto culminante de mudança poética em Dante, segundo a perspectiva de Macedo (2011, p. 59), passa justamente pela morte de Beatriz, que convoca ao poeta profunda reflexão existencial reavaliando propósitos próprios e refletindo sobre novos interesses e valores.

a partir da solidão fundamental que sucede aquele encontro, solidão em que o poeta se descobre acompanhado apenas de suas palavras, e antes, formado, ele mesmo, como sujeito lírico, por estas palavras: solidão de que a morte da amada será a forma extrema, a morte da amada como modo de experimentar, sem maiores riscos para o ego, a própria morte (quando o sujeito de palavras se revela sujeito sem palavras, se faz de novo in-fans) e o próprio renascimento, ou sobrevivência (como poeta, como autor) (STERZI, 2006, p. 309).

As possíveis interpretações sobre a personagem no *libello* transpassam o que aqui já foi mencionado: o amor juvenil, a representação do primeiro amor e de um amor cortês “amadurecido”, a representação da mulher na poesia toscana do século XII, todas essas interpretações possuem sua validade, mas são as similitudes e referências à sua divinização apresentados nesta sessão sobre *Vida Nova* – na qual citamos poucas se levando em consideração as abundantes analogias entre Beatriz e o cristianismo postos em pauta por diversos estudiosos – que exemplificam a consistência da afirmação sobre como Dante santificou sua musa, não apenas no louvor de sua poesia como também nas suas alegorias, em nível maior que seus irmãos de círculo buscaram tratar, atribuindo a ela um estigma que para ele seria o mais elevado, e transfigurando-a no que poderia considerar-se o maior nível de idealização possível, a extrema paridade com aquilo que o poeta considerava o motor do homem, – Deus – e essa asserção reverbera no valor de Beatriz, como a musa idealizada e como figura central na jornada redentora do personagem. Entretanto, recordamos que Beatriz não é Cristo, como afirma Bloom (2000), mas uma analogia, como ser salvador do homem, como ponte ao intelecto e ao amor divino.

Agora, além de apresentado seu valor na *Vida Nova*, a partir da *Divina comédia* podemos observar também como a musa agirá na jornada dignificante de Dante como intelectual e herói. Em *The Role of the Other in Dante's Vita Nuova*, Barber pontua como Beatriz marca momentos de mudança na vida e na filosofia de Dante, e não apenas mudanças em sua poesia. Dante, como herói, também se encontra em uma jornada. Uma jornada iniciada em *Vida Nova*, mas que no “meio do caminho de sua vida”, em uma selva escura, cercado pelas feras que simbolizam os principais pecados humanos, representa o momento de maior dificuldade do homem. Nesse momento, é o nome de Beatriz que é evocado como sua salvação.

3. *Speculum Dei: Beatriz na Divina Comédia*

Exilado de Florença no ano de 1301, Dante presta continuidade a seus projetos de cunho político, filosófico e linguístico, pausando suas criações poéticas e retomando-as em todo o trunfo com a *Divina Comédia*. Escrita entre os anos de 1304 e 1321, a *Comédia* dantesca constitui-se se um marco para o início da unificação da língua italiana moderna tal como a conhecemos hoje. Não obstante, também revela uma composição que promove e exprime, além de seu peso literário, teses e pensamentos políticos, filosóficos e teológicos do poeta. Um tratado poético que não apenas apresenta o homem medieval, mas suas perspectivas acerca dos pensadores tanto de seu tempo quanto da antiguidade greco-romana. E o tema do amor, como sendo inerente ao interesse de escritores desde o início dos tempos, na obra prima dantesca também possui seu lugar de reverência, bem como o papel da mulher, que se reformula em várias personagens, além da musa idealizada e da figura salvadora de Beatriz. Entretanto, como aponta Froés, é na *Comédia* que “a face espiritualizada de Beatriz presente no *libello* ganhará contornos gloriosos” (2015, p. 5) e, sendo assim, como visamos tratar a seguir, a transfiguração de Beatriz completa-se e chega ao nível mais elevado de *donna* que apresenta o intelecto do amor.

Em *Vida Nova* e tal como aponta Facchiola (2011), Beatriz inicia a obra como personagem terrena e finaliza como personagem celeste, afirmação corroborada por Torres (2010, p. 40), ao reiterar que “a figura feminina havia sido angelizada em *Vida Nova*. No Purgatório, o amor de Dante ainda conserva alguma coisa de humano. Mas no Paraíso todo traço de amor terreno se desvanesce”. Embora em grande parte da composição, a nosso ver, suas analogias ao sagrado evidenciem constantemente sua essência etérea, é apenas na *Divina Comédia* que essa analogia se completa, e mais especificamente, no *Paraíso*.

A *Divina Comédia* apresenta, em linhas gerais, a viagem de Dante pelos três reinos do Além, trazendo uma ambientação do *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* que se firmou no imaginário cristão durante a Idade Média. A obra inicia-se com Dante perdido em uma selva escura, até o momento em que é cercado por três feras: o leopardo, o leão e o lobo. Sterzi resgata o sentido do verso inicial da *Comédia* “Nel mezzo del cammin” (*Inferno*, I, I), afirmando que “este caminho é, sobretudo, em sua dimensão metafórica, o «cammin di nostra vita»: a vida figurada como estrada, aberta à certa peregrinação, mas, também, ao extravio” (STERZI, 2006, p. 284); e

as feras que cercam o poeta seriam referentes aos piores pecados da tentação humana. O poeta clama pela intercessão divina, e em resposta surge Virgílio, autor de grande estima para Dante, que oferece sua salvação por meio da jornada a ser realizada pelo reino dos mortos, para, por fim, encontrar-se com sua amada Beatriz, que o aguarda no Paraíso. Beatriz ainda não surge, mas é citada por Virgílio como a responsável por interceder em auxílio do poeta, junto a Santa Lúcia, necessitando da ajuda do poeta latino pois, como virgens do *Paraíso*, não podem descer e tão pouco atravessar o *Inferno*.

A viagem ao *Inferno*, entre tantas possibilidades interpretativas, pode configurar-se também com o início da jornada heroica de Dante. Acompanhado de seu guia, o poeta passa por cada círculo do reino dos pecadores, encontrando muitas vezes figuras célebres, históricas, reais ou ficcionais, contando suas histórias ou protagonizando os castigos a qual foram lançados por seus pecados em vida, o que se configura como uma tormenta para o próprio Dante. E essa jornada pelos reinos do espírito, representada no plano metafísico como redenção da *anima*, também se caracteriza como uma jornada de cunho político e histórico para autores como Torres (2011, p. 43), que recordam no *Purgatório* (XXXII) a profecia de Beatriz, onde se anuncia uma nova Era de Ouro, e a próxima restauração do império: “Tal episódio equivale à substituição da Jerusalém transcendental pela Roma transcendentalizada. Trata-se efetivamente da reconstituição de Roma providencial e santa, da cidade Cristã”. Como, para Dante, o tempo configurava-se em ciclos⁹, a última Era de Ouro que o Ocidente havia presenciado foi a do Império Romano, e desde então a humanidade havia se degenerado até chegar ao nível torpe de pecados já condenados em *Inferno*. Beatriz anuncia a chegada de uma nova Era de Ouro, agora eterna, onde a paz e justiça haverão de reinar, e Dante possui um papel de grande magnitude na edificação dessa nova Roma, mas, para tanto, é necessário que siga o seu caminho de purificação em sua jornada guiado por Beatriz e sua sabedoria para tornar-se digno.

Beatriz, como personagem, retorna gloriosamente apenas ao final de *Purgatório*, no canto XXX. O *Purgatório* é justamente o lugar onde as figuras arrependidas de seus pecados se encontram com propósito de remissão. Virgílio, que até então acompanhava Dante, despede-se à medida que Beatriz ressurgir. O retorno de Beatriz fornece um parâmetro da importância da personagem, em uma cena rica de detalhes que redundam em louvar da musa: Beatriz surge cercada de anjos, em um carro de ouro, com o rosto coberto por um singelo véu. Nesse momento, a sapiência da musa bem como seu juízo moral e divino manifesta-se já no primeiro diálogo entre os amantes:

Quando di carne a spirto era salita,
E bellezza e virtù cresciuta m'era
Fu'io a lui men cara e men gradita

9 Uma era de ouro, seguida pela degradação e decadência, para por fim, após a dissolução geral daquela sociedade, emergir uma nova era de ouro, em um ciclo eterno (TORRES, 2010).

E volse passi suoi per via non vera.¹⁰
(*Purg.* XXX, v. 124-130).

Munida de notável discernimento, Beatriz recrimina Dante por seus desvios terrenos, bem como logo em seguida requisita sua confissão para que então, no ato derradeiro de remissão, o poeta se banhe no rio Letes e Eunoé¹¹, purificando-se dos pecados terrenos. O reencontro de Dante e Beatriz propicia um dos momentos mais importantes da *Divina Comédia*, e o mais aguardado por Dante. Aqui, resgatamos também a suprema experiência do seu amor terreno do qual foi privado por Beatriz ainda em vida: a saudação, transmitida pelos lábios e olhos. No referido reencontro, Barber (1981) afirma que Dante está revivendo intensamente a experiência de seu amor por Beatriz, e então essa saudação, exórdio da jornada redentora de Dante, é restaurada. Mas a Beatriz da *Comédia* já não é mais a Beatriz de *Vida Nova*, embora sua própria construção como personagem siga uma linha que nunca se rompe como figura redentora. É Beatriz também a encarregada dos sermões que trazem Dante a percepção e a vergonha de seus próprios pecados e o redime através do banho no Letes, para que o poeta se encontre por fim, pronto para subir as estrelas. Sempre Beatriz, em toda sua glória e discernimento, levando Dante ao ensejo da elevação e aspiração de tornar-se alguém mais digno do que já foi, um fator que poderia ser interpretado de forma profana se se tratasse apenas de uma mulher humana, tal como já foi em vida, mas não é do que se trata: “Essa Beatrice não é o reencontrado amor de juventude. Ela é a mais alta salvação em figura de mulher – uma emanção de Deus. Só por isso pode aparecer sem blasfêmia num triunfo em que o próprio Cristo tem um lugar” (CURTIUS, 2013, p. 463 apud FROÉS, 2015, p. 6), e assim sendo, sob tal analogia, a personagem não apenas é eximida de uma de uma natureza ímpia como alcança o grau máximo da doutrina católica do ser feminino como figura redentora e principal desígnio de adoração por parte do poeta. Banhado e absolvido de seus pecados, Dante alcança a beatitude terrena e encontra-se novamente sob a condução de Beatriz, pronto para a jornada pelo último reino *postmortem*.

Portanto, se Beatriz transcende a cada obra Dantesca, quem é ela na *Divina Comédia*? Para Flogliaro (2012, p. 150), especificamente no poema sacro, a musa que sucede Virgílio no *Paraiso* é a alegoria da sabedoria e da graça divina. Em *Il mito di Beatrice*, Pazzaglia recorda dos estudos de Mazzoni que, reunindo uma profícua bibliografia de nomes como Tommas de Aquino, Eco, S. Boaventura, e também após uma introdução através da lírica provençal, interpreta a personagem de Beatriz segundo a temática religiosa e filosófica do *Speculum*, “secondo la qual la criatura quanto più è perfetta tanto più rispecchia la similitudo divina che reca in sè”¹² (PAZZAGLIA, 1998, p. 125).

10 “Quando de carne pra espírito erguida,/ e em beleza e virtude fui lançada,/ menos lhe fui procurada e querida;/ e os seus passos volveu por via errada”.

11 Rio Letes refere-se a um rio de Hades que, na *Comédia*, apaga as memórias dos pecados daqueles que nele se banham, enquanto o Eunoé restaura essas memórias.

12 “Segundo a qual a criatura quanto mais perfeita, mais reflete a semelhança divina que possui em si mesma” (tradução nossa).

Assim, a personagem de Beatriz que expressa tanto através de sua beleza física quanto moral a soma de toda a perfeição e beatitude, é a figura do *Speculum dei*. Para compreender esse fundamento, retorna-se ao processo de Beatriz em *Vida Nova* até a *Comédia*, e ao transcorrer novamente esse caminho, Fogliaro afirma que:

In realtà la donna non esce mai dalla mente e dal cuore del poeta, tutta l'opera dantesca attende la sua venuta, il suo avvento. E il periodo di travramento filosofico fu veramente breve, il pentimento non tardò ad arrivare. Il ritorno di Beatrice può essere considerato un avvento e i segni che l'accompagnano, come grida e invocazioni, sono proprio quelli dell'avvento di Cristo¹³ (FOGLIARO, 2012, p. 151).

Ao analisarmos o compêndio dantesco em sua totalidade, com ênfase em Beatriz em suas obras, torna-se possível perceber como todo o trabalho do poeta aguarda pelo momento do advento de sua amada, passando por um processo de maturação que culminará na tão aguardada purificação, no final do *Purgatório*. Observa-se também que tanto em *Vida Nova* como na *Divina Comédia*, pouco se faz menção às características físicas de Beatriz: sabe-se com toda certeza que irradia beleza, mas na *Comédia*, lança-se a luz sobre seus olhos e sorriso, pois através deles Dante tem um vislumbre da verdadeira santidade eterna. Beatriz é “o caminho e os meios da união com Deus” (BRANCA, p. 38 apud FOGLIARO, 2012, p. 154). Não apenas através da teologia, mas através do amor apaixonado transformado em amor *caritas* que torna possível a contemplação, ela é uma “verdade ontológica, uma certeza metafísica, e a poesia é, para Dante, um processo de ascensão espiritual até uma contemplação cada vez mais pura da essência de amor, decorrente da fé na transcendência da inspiração amorosa” (MARNOTO, 2001, p. 84). A gentilíssima dama evoca também seu papel já passado como musa stilnovista, pois ainda instiga em seu poeta a forma matriz que move Dante, tal como a musa move o poeta, tal como Deus move o homem, despertando a nobreza, como musa stilnovista, no coração de Dante.

Essa intervenção de Beatriz sobre Dante como um “motor” é caracterizada por Rodrigues (2015, p. 1) como a concepção de Beatriz como o *leitmotiv*¹⁴, o motivo condutor de Dante, a quem o poeta “dedicou seu amor, tornando-se, a princípio, um servo da dama gentil e, posteriormente, um devoto fiel, cujo amor é capaz de purificá-lo e o devolver ao caminho correto da via”. Dante encontra-se em uma jornada para alcançar sua musa nas portas do *Paraíso* tal como

13 Na realidade, a mulher nunca deixa a mente e o coração do poeta, todo o trabalho de Dante aguarda sua vinda, seu advento. E o período de enganos filosóficos foi realmente curto, o arrependimento não demorou a chegar. O retorno de Beatriz pode ser considerado um advento e os sinais que a acompanham, como gritos e invocações, são precisamente os do advento de Cristo (tradução nossa).

14 Termo utilizado na música para designar um tema harmônico ao caráter de um personagem ou situação, acompanhando o reaparecimento deste ao longo da obra. Nesse sentido, por analogia, a autora apropriou-se desse termo para designar Beatriz como o motivo condutor de Dante.

um peregrino em romaria com a promessa de ver a virgem a quem é devoto. Ela é o meio e o fim, como posto nas palavras da própria musa:

I' son Beatrice che ti faccio andare;
vegno del loco over tornar disio;
amor mi mosse, che mi fa parlare.¹⁵
(*Inf.* II, v. 70-72).

Outrossim, o ato representado na *Divina Comédia*, segundo a perspectiva de Williams (2000), é a elucidação do “grande ato de conhecimento”, onde cada personagem exerce sua função na realização da gnose: Dante, arquétipo do próprio homem e alegoria de toda humanidade, é o conhecedor, Deus é o conhecido e Beatriz é próprio ato de conhecer. A ela, Dante (autor) atribuiu o lugar de detentora do conhecimento, o que caracteriza-se em primeira instância nas dúvidas recorrentes do poeta (personagem) que são sempre sanadas sem pestanejar por Beatriz, como no canto IV e VII de *Paraíso*, onde Dante não sabe qual de seus questionamentos expor primeiramente, e antes mesmo de explaná-los, Beatriz antecede-se em sua explicação e redargui as dúvidas do poeta com sua sapiência divina, conduta que se estende e volta a acontecer por mais cantos subsequentes. Quando não é ela a responder, ainda é a intercessora de suas respostas, tendo em vista que fala em nome de Dante, como conhecedora de seus próprios anseios, aos que podem responder-lhes seus questionamentos, como no canto XIV, onde expõe as questões do poeta aos espíritos que podem promover-lhes dissoluções para suas inquisições sobre o cosmo, a teologia, a humanidade etc. Remonta-se sempre o ato de conhecer promovido por Beatriz à sua própria verdade ontológica, pois na *Comédia* a musa parece tornar-se ciente de seu papel não apenas como guia, mas como ponte entre Dante e perfeição que o aproximará de Deus.

A cada céu, Beatriz torna-se mais bela e mais reluzente aos olhos de seu devoto poeta e o guia perante todos os estágios, até por fim encontrar o seu lugar na rosa mística, no canto XXXI, quando o poeta, já purificado e prestes a contemplar Deus, agradece a musa por ter promovido sua salvação e roga para que ela nunca o abandone e por ele sempre zele, até o momento em que seu espírito há de abandonar seu corpo, deixando claro que, mesmo agora, purificado, ele continuará a ser devoto a sua musa, que agora goza de seu lugar de glória contíguo aos mais valorosos espíritos do *Paraíso* e da história cristã.

4. Considerações finais

O lugar de Beatriz como uma persona santificada na vida e na obra de Dante dialoga com a afirmação de Sterzi ao referenciá-la como a divinização às deusas mitológicas, diferenciando-a novamente das musas trovadorescas, pois agora, essa divinização é perdurante e veemente.

15 “A Beatriz, que peço que tu vás,/ venho de onde retornar almejo,/ amor moveu-me, que falar me faz.”

Tem-se aí um franco contraste em relação à divinização da mulher na poesia antiga, sua aproximação retórica às deusas da mitologia: «A antiga divinização é sempre somente momentânea». Agora, a divinização é continuada, tem como meta, em suas formas extremas (a Beatrice da *Commedia* é o exemplo máximo), a eternidade” (STERZI, 2006, p. 136).

Sterzi aponta que todo o processo de transfiguração de Beatriz na *Comédia* estende-se e reformula o termo musa para além de uma divinização momentânea, como nas poesias antecessoras ao movimento stilnovista. Os parâmetros que enquadram Beatriz como musa salvífica completam-se quando Dante finalmente, ao final de sua jornada, torna-se digno de estar perante a máxima figura sacramentaria de Deus e quando a musa assume seu lugar entre as almas mais celestes, na rosa mística.

Através desse breve cotejo à personagem e das pontuações sobre algumas das interpretações de Beatriz, buscamos demonstrar sua essência como uma musa idealizada, suscetível à divinização atribuída pelo poeta no decorrer de suas obras. Beatriz é, acima de tudo, um ensejo, a força matriz que leva o herói à sua própria interioridade, como forma de levá-lo ao *Paraíso* que oferece a caneta ao poeta tal como se ofereceria a espada ao cavaleiro para que se inicie a sua jornada que, em Dante, encerra-se com a visão de Deus.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Introdução, tradução, e notas de Vasco Graça Moura. Edição bilíngue Italiano/Português. São Paulo: Editora Lamark, 2005.
- ALIGHIERI, Dante. *Banquete*. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 1995.
- ALIGHIERI, Dante. *Vida Nova*. Tradução de Carlos Eduardo Soveral. 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- AUERBACH, Erich. *Mimeses*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BARBER, Joseph A. The Role of the Other in Dante’s “Vita Nuova”. *Studies in Philology*, vol. 78, n. 2, 1981, p. 128-137.
- BOCCACCIO GIOVANNI. Trattatello in laude di Dante, in: *Tutte le opere di G.B.*, a cura di V. BRANCA, vol. III, Milano, Mondadori, 1974.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CHIAVACCI, Leonard, A.M. In. ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. Milano: Mondadori, 2009.
- FOGLIARO, Mariarosaria. *Beatrice Portinari: l’iter ad Deum. L’evoluzione del personaggio nelle opere dantesche*. Tese (Curso Magistral in Filologia e Letteratura italiana), Università Ca’Foscari Venezia, 2012.
- FRACCHIOLLA, Anna. Vida nova de Dante: Passos ascendentes. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.
- FROÉS, Thalita Sasse. *A transformação do amor em Dante Alighieri: Beatrice em Vita Nuova e na Commedia*. Anais do Seminário de poesia – Poesia, Filosofia e imaginário. Volume 1. Uberlândia: ILEEL, 2015.

FROÉS, Thalita Sasse. *As transformações do amor em Dante Alighieri. Beatrice em Vita Nuova e na Commedia*. In. Anais do colóquio Vicente e Dora Ferreira da Silva: Volume 1, Número 1. Uberlândia: ILEEL, 2015.

GILLET, L. *Dante*. Rio de Janeiro: Ed. América, 1941.

MACEDO, Tadeu da Silva. *A mulher na visão poética de Dante*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

MARNOTO, Rita. *A Vida Nova, de Dante. Deus, o amor e a palavra*. Lisboa: Edições Colibre, 2001.

PAZZAGLIA, Mario. *Il "mito" di Beatrice*. Bolonha: Pàtron Editore, 1998.

RODRIGUES, Leticia Cristina de Alcântara. *Os amores de Dante. Uma análise de Vita Nova e Commedia*. In. Anais do colóquio Vicente e Dora Ferreira da Silva: Volume 1, Número 1. Uberlândia: ILEEL, 2015.

SILVA, C.M.G. *Reflexões sobre o amor na Vita Nuova, de Dante Alighieri*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2009.

SINGLETON, Charles S. *La poesia della Divina Commedia*. Tradução de Gaetano Prampolini. Bologna: Il Mulino, 1978.

STERZI, Eduardo. *Incipit: a Vita Nova e a irrupção da lírica moderna*. Tese (Doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

TORRÊS, Moisés Romanazzi. O sentido e a razão de ser do Inferno e do Purgatório de Dante Alighieri. *Revista Marabilia: Revista eletrônica de História Antiga e Medieval*, n. 12, 2011.

WILLIAMS, Charles. *The Figure of Beatrice: a study in Dante*. Boydell & Brewer, 2000.

Recebido em: 09/04/2021

Aprovado em: 30/09/2021